



*ARQUEOLOGIAS
E SEUS CONTEXTOS*



www.cta.ipt.pt

N. 12 // julho 2020 // Instituto Politécnico de Tomar

PROPRIETÁRIO

Instituto Politécnico de Tomar - Centro das Arqueologias

EDITORA

Ana Pinto da Cruz, Instituto Politécnico de Tomar

EDIÇÃO E SEDE DE REDACÇÃO

Centro das Arqueologias, Instituto Politécnico de Tomar

DIVULGAÇÃO

Em Linha

DIRECTORES-ADJUNTOS

Helena Moura, Rodrigo Banha da Silva, Vasco Gil Mantas, Thierry Aubry

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana M. S. Bettencourt, Professora Auxiliar com Agregação, Departamento de História, Universidade do Minho

Professora Catedrática Doutora Primitiva Bueno Ramírez, Universidad de Alcalá de Henares

Professor Catedrático Doutor Rodrigo Balbín Behrmann, Universidad de Alcalá de Henares

Doutor Rossano Lopes Bastos, Arqueólogo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Superintendência Estadual em Santa Catarina/Brasil (IPHAN/SC)

Doutor e Livre Docente pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade De São Paulo, (MAE/USP)

Doutor Thomas W. Wyrwoll, Forschungsstelle für Archäoikonologische Theriologie und Allgemeine Felsbildkunde (FATAF) / Institut für Theriologie und Anthropologie

DESIGN GRÁFICO

Gabinete de Comunicação e Imagem, Instituto Politécnico de Tomar

PERIODICIDADE

Semestral

ISSN 2183- 1386

LATINDEX folio nº 23611

ANOTADA DA ERC | REGISTADA NA INPI

© Os textos são da inteira responsabilidade dos autores.

Índice

EDITORIAL	
Ana Cruz	05
O CONTRIBUTO DA SEMIÓTICA PARA O ESTUDO DA ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA – ALGUMAS NOTAS ACERCA DOS RITUAIS FUNERÁRIOS NO BRONZE REGIONAL ALENTEJANO	
Ana Rosa	15
ARQUEOLOGIA NO ENGENHO DO MURUTUCU: UM SÍTIO HISTÓRICO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA	
Diogo Menezes Costa	30
LE SAVOIR LOCAL AMAZIGH: LA TRANSMISSION À L'ÉPREUVE	
Fatima Ez-zahra Benkhallouq, Wahiba Moubchir, Farid El Wahidi	59
INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO PORTO DO TOPO. CONTRIBUTO PARA O PATRIMÓNIO CULTURAL SUBAQUÁTICO DA ILHA DE SÃO JORGE	
João Gonçalves Araújo, João Moniz, José Luís Neto, Pedro Parreira	81
LA ESTACIÓN RUPESTRE DE HUAYLLANQORI, PROVINCIA DE ANTABAMBA (APURÍMAC, PERÚ)	
Raúl Carreño-Collatupa	118
GRAVURA RUPESTRE DO CORUTO (ESCARIZ, AROUCA): ESTUDO, SALVAGUARDA E VALORIZAÇÃO	
Paulo A. Pinho Lemos, Ana M. S. Bettencourt, João Ralha	139
A PAISAGEM DE LONGA DURAÇÃO DO ALTO VALE DO JEQUITINHONHA – OS VESTÍGIOS DE OCUPAÇÃO HUMANA DO HOLOCENO MÉDIO NA SERRA DO ESPINHAÇO MERIDIONAL, MINAS GERAIS – BRASIL	
Átila Perillo Filho	173
ASPECTOS DA COLONIZAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DO LITORAL SUL DO BRASIL E SUA PATRIMONIALIZAÇÃO: OS VESTÍGIOS DA OFICINA LÍTICA NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA PONTA DO RETIRO, FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA	
Márcio Mota Pereira	222
TESTEMUNHOS RECENTES DE TEÓNIMOS PRÉ-ROMANOS NA LUSITÂNIA	
José d'Encarnação	249

ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DO ESPÓLIO OSTEOLÓGICO PROVENIENTE DAS INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS REALIZADAS NO PÁTIO SUL DA IGREJA NOSSA SENHORA DO PÓPULO, CALDAS DA RAINHA (LEIRIA)

Daniel Alves, Augusto Ferreira, Cláudio Monteiro, Alexandra Figueiredo, Ricardo Lopes 274

CASA DO CORPO SANTO – 1531 A 1714. ARQUEOLOGIA, CONSERVAÇÃO E MUSEALIZAÇÃO

Luís Neto, Patrícia Trindade Coelho 298

UNIDADES DOMÉSTICAS DO SÉCULO XIX DO BAIRRO DA BOA VISTA DO RECIFE: UM ESTUDO DO PERFIL TÉCNICO E DAS CARACTERÍSTICAS ESTILÍSTICO-ARQUITETÔNICAS

Clara Diana Figueirôa Santos, Henry Sócrates Lavalle Sullasi 327

**TESTEMUNHOS RECENTES DE TEÓNIMOS PRÉ-ROMANOS
NA LUSITÂNIA**

**RECENT EVIDENCE OF PRE-ROMAN THEONYMS
IN LUSITANIA**

Recebido a 20 de fevereiro de 2020
Revisto a 18 de março de 2020
Aceite a 20 de abril de 2020

José d'Encarnação

Universidade de Coimbra
Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património
Rua Eça de Queiroz, 89
Pampilheira
P – 2750-662 Cascais
jde@fl.uc.pt

Resumo

Dá-se conta das reflexões que a epígrafe de Arronches, o altar fundacional de Viseu e as duas aras de Alcains provocaram e referem-se os novos testemunhos de teónimos identificados na Lusitânia ocidental.

Palavras-chave: Divindades indígenas, Língua lusitana.

Abstract

An overview about the new find monuments concerning the prerroman deities in West Lusitania: the Arronches' epigraph in 'Lusitanian' language with new deities attested; the Viseu's altar as a foundational document. New lectures, new motivations to think deeper about our always temporary conclusions.

Keywords: Indigenous divinities, Lusitanian language.

Porventura a mais recente síntese acerca dos testemunhos epigráficos, encontrados em território actualmente português, de teónimos pré-romanos data de Setembro de 2008: a comunicação que, também em meu nome, Amílcar Guerra apresentou no IX Workshop FERCAN, realizado em Molina de Aragón (Encarnação & Guerra, 2010).

O que ora se almeja é apresentar o que, desde então, aconteceu nesse âmbito: as novas reflexões, os novos teónimos... Enfim, o interesse manifestado por esta temática, que também esteve em discussão em Loulé, no XIII Colóquio sobre Línguas e Culturas Paleo-Hispânicas (Outubro de 2019), onde, mais uma vez, ficou demonstrado o entusiasmo com que esta problemática é encarada, inclusive aureolada, como está, pelo

desejo de se fomentar a identidade local perante avassaladoras homogeneidades (Encarnação, 2020).

1. A Epígrafe de Arronches

Esta epígrafe, dada a conhecer precisamente nesse ano de 2008 (Encarnação et al., 2008), transformou-se, sem dúvida, pelas suas características, num dos mais importantes documentos em língua dita “lusitana”.

É conhecida a versão provisória que apresentámos. Refiram-se os teónimos (em dativo e pela ordem em que surgem na epígrafe) que nela lográmos identificar:

– *Harase* – que poderá ser um teónimo ou o epíteto local, atendendo às formas que adiante se aduzem;

– *Broeneiae* – teónimo até agora não registado;

– *Reve Aharacui* – novo epíteto de *Reva*, provavelmente de raiz local, com o característico ‘dativo céltico’ em **-ui** (para usarmos da nomenclatura de M. Lourdes Albertos);

– *Bandi Haracui* – supomos que se trate do mesmo epíteto local que foi atribuído a *Reva*, ainda que com outra grafia, como já vai sendo normal para palavras cuja pronúncia é estranha para o lapicida;

– *Munitie* – que ousámos identificar com *Munis*, *-idis*, por ser já conhecida, mas que também aceitamos poder tratar-se de outra divindade;

– *Caria* – depressa se apresentou nova leitura, *Carla*, de que adiante se dá conta;

– *Cantibidone* – depois do invulgar achado na capela de Santa Marina (Segura, Idanha-a-Nova), de duas epígrafes dedicadas ambas *Erbine Iaedi* [vel *Iaidi*]

Cantibidone (HEpOL, registos n.ºs 23084 e 23085) e atendendo a que se discute o carácter de cada um destes termos, ou seja, se é *Cantibidona* a divindade e os outros dois vocábulos funcionam como epítetos ou se são três as divindades – o que não seria despreciando, se tivermos em conta que, em muitas teogonias (inclusive a católica), se regista uma trindade – a tentação de vermos, também aqui, essa trindade não deixa de ser sedutora. Por exemplo, em HEpOL 23084 e 23085, o título das fichas é “Dedicación a Erbine”. Já se discutirá.

Concluimos nessa data, em jeito de hipótese de interpretação:

“Mais as perplexidades, portanto, que as certezas. Mas destas há algumas que podemos garantir como dados verdadeiramente inovadores.

No que concerne à **religiosidade pré-romana**, atesta-se um ritual muito semelhante ao da *suovetaurilia*, sendo várias as divindades invocadas: *Banda*, *Reva* e *Munis*, quanto às já conhecidas; *Broeneia*, jamais registada até ao momento. Divindades invocadas sob um epíteto seguramente tópico, *Haracui* ou *Aharacui* ou mesmo *Harase* (numa diferença de grafia que outras vezes se documenta em relação às divindades indígenas, fruto do ‘contágio’ da oralidade) ou, ainda, sob a forma de sigla – H. De realçar a novidade de nos parecer que o teónimo *Munis* vem grafado como *Munitia* e qualificado com dois epítetos, um (*Caria*) relacionável com outros teónimos indígenas, o segundo (*Cantibidone*) já documentado em relação a divindade conhecida, *Erbina*”.

Logo na edição de Janeiro de 2009 da revista *Emerita*, Blanca María Prósper e Francisco Villar se debruçaram sobre o texto – como era de esperar, dado o seu carácter deveras aliciante. Procurarei, espero que bem, sintetizar o seu pensamento no domínio que nos interessa.

Concordam os autores em afirmar que estamos, mui provavelmente, perante um ritual de hecatombe, cujo testemunho é datável, como propusemos, de meados ou finais do século I a. C. Concordam que a terminação em *-ui* representa, linguisticamente, um “dativo singular masculino temático” (p. 29). Pensam, como nós, que *Harase* será o epíteto de uma divindade a que se ofereceu “uma ovelha parda”. Aceitam que a forma *Munitie* é uma variante gráfica de *Munis*. Hesitam em atribuir a categoria de teónimo a *Broeneia*, inclinando-se para que se trate de um locativo. A maior dúvida reside – como, aliás, já ponderáramos – em relação ao conjunto *Caria Cantibidone*: sugerem que também se poderá ler *Carea* ou ver aí um epíteto do género *Caria(cae)*, enquanto que *Cantibidone* – aqui e em Segura – poderá ser *Cantibidone(nsi)*.

A maior diferença em relação à nossa proposta reside no facto de considerarem que há dois textos redigidos em momentos diferentes e que também nesse segundo texto há referência a divindades de carácter local, concretamente a *Iccinui* (em dativo), relacionável, quiçá, com *Icona*, e a *Panditi* (dativo), que aproximam de uma *dea Panda* ou *Pantica*:

“Existe también en el mundo religioso latino una *Dea Panda ...uel Pantica*, cuyo nombre nos ha llegado a través de Arnobio (*Adu. Nat.* 4, 128), supuestamente una antigua divinidad de los caminos, que tenía la función de *uiam pandere et aperire*” (p. 25).

Confessam, porém, que se “la *Dea Panda* se compara tradicionalmente con la *Padella* umbra, idéntica a la *Patella* latina, y con el dat. fem. osco en dativo *Patanai* (Agnone)”, “subsisten problemas relacionados con el consonantismo” (p. 26).

José Cardim Ribeiro já se debruçara sobre esta epígrafe em 2010. Retoma-a em 2016, em que apresenta, postumamente à redacção (p. 40) uma excelente fotografia feita

segundo o “modelo de resíduo morfológico”, e é essa contribuição a que ora tenho em conta. Aventura-se o Autor numa interpretação com significativas diferenças à dos editores, como pode ver-se pela simples análise da tradução que dá:

«A [... (divindade feminina)] (sacrificou-se) uma (...)a, uma ovelha, uma vaca. À [deusa] *Harase* (sacrificaram-se) dez ovelhas. A *Broeneia Ha[raca]* (sacrificaram-se) dez ovelhas. A *Reve A(ugustus) Haraco* (sacrificaram-se) dez touros consagrados; a *Bandi Haraco* (sacrificou-se) um *aur[...]*. À *Munitie Cantibidone* da/desta lápide (sacrificou-se) uma *a[...]*. *Apinus, Vendicus, Eriacainus*, áugures».

Isto é: *Harase* será teónimo; *Broeneia* poderá ter como epíteto *Ha[raca]*; *Reve* será *A(ugustus?) Haraco*; une *Munitie* a *Cantibidone*; e, no que se refere à palavra que lhes está de permeio – e que lê CARLA (com dúvida no R) – explica, na pág. 37, que será o substantivo *carla*, “vocábulo lusitano para designar “lápide”, pois que a aparenta com “o substrato pré-romano *kar-, “pedra”, derivado, por seu turno, do indo-europeu *ker-, “cortar”, levando-o a ver aí “a pedra artificialmente cortada, afeiçoada”.

No que se refere à “segunda parte do texto”, aceita que haja três dedicantes. Chama-lhes os “três *ougurani* que oficiaram na cerimónia” (p. 38), *Apinius, Vendicus* e *Eriacainus*, antropónimos que, em seu entender, apresentam “já sufixação latinizada”.

E será de salientar a interpretação que Cardim Ribeiro aponta no final: o relevante significado deste tipo de monumentos epigráficos, uma vez que eles representam a utilização, por parte das comunidades indígenas, de “um recurso novo oferecido pela romanização e parcimoniosamente circunscrito ao registo de eventos considerados de transcendente importância, outrora fixados e transmitidos através da mera tradição oral” (p. 39).

2. A Inscrição de Viseu

Além dos estudos publicados em 2008 e 2009, prepararam os achadores deste monumento – Pedro Sobral de Carvalho, Nádia Figueira e Luís da Silva Fernandes –, um simpático opúsculo, onde explicitam as circunstâncias do achamento deste magnífico altar fundacional, na cidade de Viseu (Carvalho & Fernandes, 2009).

Apesar de conhecido e de sobre ele eu próprio já ter tecido, por diversas vezes, algumas considerações (v. g., 2015, pp. 28-29), creio importante voltar a este altar como se fora uma novidade, pelo enorme significado histórico que detém no âmbito das divindades.

Ostenta o dedicante onomástica bem latina, mas identifica-se à maneira indígena – *Albinus Chaerae filius* – e a dedicatória é feita, em nome da comunidade que representa, a uma divindade encarada nas suas características femininas e masculinas, com epítetos cujo significado ainda se não logrou compreender: *Deiba Borigo Deibo Bor(igo) Vissaieigo Bor(igo)*.

Deiba e *Deibo* serão formas autóctones de escrever (e pronunciar) *Deae* e *Deo*. Assinale-se, de passagem, que se encontra na capela de Nossa Senhora da Granja, Proença-a-Velha, a dedicatória de *Caburia Caturonia* a uma *Deiba* (HEp 17, 2011, n° 237) e que, tal como ali bem se assinala, *Beiba* “en lengua indígena significa *deiva/deva*, la diosa”, pelo que se trata da divindade venerada no local, sem que, contudo, se explicita o seu nome particular, apenas o seu carácter divino.

Bor(igo) – se se aceitar este desdobramento – pode pôr-se em paralelo com *Bormanicus*, um deus das águas termais; *Vissaieigo* será, como tudo leva a crer, um epíteto locativo, a partir do qual, por regressão, poderemos chegar à etimologia do local

nos primeiros tempos da ocupação romana: *Vissaeum* – donde terá derivado o actual topónimo, Viseu.

3. As Aras de Alcains

Também o seu grande significado se assinalou já, desde a primeira publicação em 2009.

Importará ressaltar que estas duas aras constituem a prova inequívoca de que as *gentilitates* eram identificadas mediante o nome do seu fundador ou do seu antepassado de referência e que, no momento de se escolher a divindade protectora, o epíteto promanava dessas etimologias. Achadas no mesmo local, as aras indicam-nos que *Polturius Caenonis filius* era da *gentilitas Polturiciorum*, cujo númen era *Asidia Polturicea*.

4. Novos Testemunhos Identificados a partir de 2009

Vou basear-me, preferentemente, no que foi publicado no *Ficheiro Epigráfico*. Seguramente, não será rol completo; contribuirá, todavia, para se ter uma ideia de parte substancial do que se tem encontrado e das questões levantadas quer pelos novos documentos quer pelas reflexões feitas a propósito de teónimos há conhecidos.

4.1. *Banda Brialeaecus* (2009)

Fragmento de uma ara romana, de granito da região, descoberto, juntamente com outras, destruídas pela urbanização do castro dos Castelos Velhos, nas imediações da cidade da Guarda, em meados da década de 1990-2000.

Apenas se consegue ler:

[...] [?] / [?] [BA]NDI / BRIA[LE]AECO / [...] [?]

Constitui, pois, mais um testemunho do culto à divindade *Banda*, sob o epíteto *Brialeaecus*, de que conhecemos mais dois testemunhos: um altar guardado em Orjais (Covilhã), numa casa particular, dedicado *Bandei Brialeacui* por *Severus Abruni filius* e a ara, também proveniente de Orjais, dedicada à mesma divindade e grafada da mesma forma: *Bandei Brialeaicui*, ainda por publicar e que está na posse de Francisco Geraldes, na Covilhã. De momento, apesar das reflexões feitas, por exemplo, por Blanca Prósper (2002, p. 262), que relaciona o vocábulo com a forma celta **brig-* «elevação», não há certezas quanto ao seu significado, se toponímico ou antroponímico.

Os três testemunhos documentaram-se, contudo, na mesma região, o que lhe confere, para já, um carácter tópico.

4.2. FE 95 (2012) n° 427

Nova leitura de CIL II 843, de Oliva de Plasencia, Capera:

Di[is] · [A?]rbariensibus / Rufus Aran/toni · V(otum) · L(ibens) · S(olvit)

Nada se logrou ainda descobrir acerca deste aglomerado populacional ou *gentilitas*, que poderia designar-se *Arbarium*, cujos *dii* tutelares um indígena aqui invoca.

4.3. FE 106 (2013) n° 470

De Castelo de Paiva.

Fuscus [...] / Anicaii [vel Aivicaii] [?] f(ilius) [?] / Laribus · C/eceaecis / Ienaecis [?] · l(ibens) · s(olvit)

Do teónimo apenas o segundo epíteto, por ser novidade, traz dificuldade nas três primeiras letras: *Ieiaaecis?* *Lenaecis?* No entanto, a análise cuidadosa da pedra permitiu sustentar a possibilidade de se optar por *Ceceaecis*, mesmo em outras epígrafes onde se hesitara na leitura: os *Ceceaiici* seriam, assim, a “organização suprafamiliar” (para usarmos a expressão de María Lourdes Albertos), que teve subdivisões geograficamente localizadas ou derivadas de um outro antepassado comum.

4.4. FE 114 (2014) n° 489 (Figura 1)



Figura 1. Altar possivelmente dedicado às Ninfas, com a grafia *Lumbis*. Fonte: *Ficheiro Epigráfico*.

Na igreja matriz de Longroiva (concelho de Meda).

Potitus / Reburri / f(ilius) · Lumbis / votum / solvit.

Consultada por mim, a propósito do significado do teónimo e eventual razão desta grafia, Blanca Prósper respondeu-me que lhe soava «a un dativo de plural (femenino) de una variante del nombre de las ninfas, adaptado en latín desde el griego como *Lymphis*» ou «probablemente una divinidad *lombha».

O testemunho ímpar de absorção da cultura romana, por parte dos indígenas, num âmbito erudito deveras significativo?

4.5. FE 127 (2015) nº 539 (Figura 2)



Figura 2. Mais um testemunho do culto a *Vorteaecius*, possível epíteto da divindade *Banda*, que se apresenta com diferentes grafias. Fonte: *Ficheiro Epigráfico*. De Olival Queimado (Penamacor):

L(ucius) Coutiliu[s] / Bulcai · l(ibertus) · B/andi · Vort/[ae]co · v(otum) ·
l(ibens) · a(nimo) · s(olvit)

Presumível variante do epíteto de uma divindade, de que se haviam atestado já
as grafias *Vortaeceo*, *Vordeaeco*, *Vortiaecio*...

4.6. FE 128 (2015) nº 541 (Figura 3)



Figura 3. A invulgar dedicatória encontrada em *Olisipo*, interpretada como dedicada *Diis Bonis* e a duas outras divindades até agora desconhecidas. Fonte: *Ficheiro Epigráfico*.

Monumento encontrado em Junho de 2013, em Lisboa, sob um edifício situado no final da Travessa das Merceeiras, perto do Teatro Romano e da Sé, sendo originário, portanto, de um ponto situado em plena cidade romana. Foi estudado por Amílcar Guerra.

D(iis) B(onis) sac(rum) / Cinteri et Muno / G(aius) P(---) Marcin(us) / cum fil(io) / G(aio) P(---) Marcello / Crescen[te] / -----

“Consagrado aos Deuses Bons, a Cíntere e Muno. Gaio P. Marcino, juntamente com o filho, Gaio P. Marcelo Crescente, (...)”.

A fórmula inicial é rara; não atestada na Hispânia, tem paralelos em África. «Os nomes referidos a seguir à fórmula inicial não correspondem a qualquer entidade divina conhecida. Na realidade, a invocação *Cinteri* ocorre pela primeira vez em toda a epigrafia latina e o dativo *Muno* é também desconhecido no âmbito teonímico, podendo apenas apontar-se uma eventual presença na onomástica pessoal». «Uma interpretação dos dois nomes problemáticos pela via das línguas pré-romanas depara-se com o óbice importante de se registarem num contexto fortemente romanizado, sendo, por isso, mais natural esperar uma explicação no âmbito cultural romano» (Guerra, 2015).

4.7. FE 135 (2016) n° 562

De Alpalhão, povoação e freguesia do concelho de Nisa.

ARENT[...]/ [...]/ [...]/ [...] S(olvit)

Presumivelmente, mais um testemunho do culto a *Arentius*, -a, certamente com epíteto local, que desapareceu.

4.8. FE 181 (2019) n° 678

Numa árula votiva encontrada próximo da Capela de Santiago, em Vila Longa (União de Freguesias de Romãs, Vila Longa e Decermilo), concelho de Sátão, distrito de Viseu, leu-se:

[B]ANDI BI/[D?]OAE[CO?] / [...]

Mais um documento, datável da 1ª metade do século I da nossa era, a atestar o culto a esta divindade assaz conhecida (Encarnação, 2015, pp. 119-143, pp. 387-389), aqui apresentando a terminação –i no dativo, como se documenta nos testemunhos mais próximos: *Bandi Oilienaico*, em Esmolfe (Penalva do Castelo) (*ibidem*, p. 132-134) e *Bandi Tatibeaico*, em Queiriz (Fornos de Algodres) (*ibidem*, p. 134-137).

O epíteto terá, como é habitual, uma origem toponímica ou etnonímica, sendo aliciante, portanto, encontrar algum outro testemunho que permita identificar o topónimo ou o etnónimo de que este *Banda* era o protector. O epíteto *Bidiensis*, que qualifica a deusa *Salus* numa inscrição da área de Cáceres (HEPOL registo n° 424), poderá ser um paralelo a contemplar. Analisando este, Blanca Prósper (2002, p. 218), considera-o a forma latinizada de um topónimo **bedyā* ou **bedyo-*, sem que, no entanto, dê, a esse propósito, qualquer esclarecimento a justificar a sua opção. Também María Lourdes Albertos (1952, p. 60) se referira a esta epígrafe, opinando que, perto de Montánchez, onde a ara foi encontrada, se situaria a «fonte de *Bidia*, cujo génio ou virtude curativa» assim se salientaria.

Em termos de aproximação vocabular, cumpre citar o epíteto indígena *Cantibidone* patente em duas inscrições de Segura e na Arronches (HEPOL 23 084 e

23 085, e 27 346, respectivamente); e a ocorrência do etnónimo *Obidoq(um)* na epígrafe HEpOL n° 27 075, da área de Guadalajara.

4.9. FE 195 (2019) n° 718

Fragmento de uma ara de granito muito mutilada, descoberta em Mata de Alcántara, Cáceres, onde se mantém, desconhecendo-se a sua procedência.

Lê-se, na epígrafe, que *Modestus Tangini f(ilius)* a dedicou *Laribus Callaciensib[us]*.

O epíteto – *Callacienses* – sugere tratar-se das divindades protectoras de um lugar (*Callacia*) e da sua população, os *Callacienses*. Nada mais se sabe, por enquanto, acerca desta etnia nem qual terá sido a sua real localização. Ainda que as divindades *Lares* sejam romanas, tal como os *Dii* a que atrás se fez referência, tem sido justificado hábito incluí-las no rol das divindades indígenas quando – como é o caso – ostentem adjectivo de carácter local.

4.10. FE 198 (2019) n° 727

Ara votiva de granito no interior da igreja matriz da Moita, freguesia do concelho do Sabugal.

AVITVS / MADVRI / CVSI · ER[V?]/LANCVI · V(*otum*) · S(*olvit*)·

Não parece inviável considerar a forma *Cusi* uma variante do teónimo indígena *Cosus* documentado, sob diversas grafias (em dativo): *Cusu*, *Cossue*, *Cosu*...

Abunda a bibliografia sobre esta divindade, númen protector que assumiu epítetos conforme o lugar ou o povo de que foi patrono. Referem-se alguns dos artigos que expressamente lhe foram dedicados: Prósper, 1997, p. 267-302 (análise etimológica); Barcia Merayo e García Martínez, 1998, p. 11-25 (com lista de testemunhos e mapa); Búa, 2003, p. 147-184; Olivares Pedreño, 2007, p. 143-160.

Cusi é variante inesperada, porque, partindo do verosímil pressuposto de que estamos perante um dativo, trata-se de um dativo em **-i**, da 3ª declinação latina, o que leva a supor um nominativo não de tema em **-us**, como se há verificado até agora, mas em **-is**: *Cusis* – a lembrar as propostas *Lurunis* e *Triborunnis*. Diferente será o caso de *Cossue*, em que se alvitra nominativo em **-a**, estando *Cossue* por *Cossuae*. Ou seja, um teónimo variegado! E não será despropósito repetir que, mais do que razões etimológicas, se há-de ver nessas formas diversas o eco de diversas entoações fonéticas dadas pelos indígenas e que o lapicida tentou passar à pedra (cf. Encarnação, 2002, pp. 15-16).

Temos, porém, um epíteto novo, com terminação de dativo *-gui/cui*, que tem sido considerada tipicamente lusitana, atestado na designação de outras divindades, cujos testemunhos epigráficos poderão encontrar-se em HEpOL sob as designações indicadas: *Banda Isibraiegui* (Bemposta, Penamacor), *Banda Brialeacui* (Orjais, Covilhã), *Banda Tatibeaicui* (Queiriz, Fornos de Algodres); *Banda Vordiaicui* (Pinhel); *Crougae NilaiGUI* (Freixiosa, Mangualde); *Reva Langanidaegui* (Medelim, Idanha-a-Nova)...

Em relação a este novo epíteto, não se ousa, de momento, aventar sugestão de relacionamento quer com etnónimos quer com topónimos, inclusive porque a leitura resulta hipotética. Assinale-se, porém, ser nova forma de dativo do teónimo.

4.11. *Ulia Dea?*

Há no Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas (inv. PB/LR/03/1) a ara, proveniente dos arredores de Queluz (Sintra), dedicada *Uliae Deae O M* por *Chylia Gemina*.

J. Cardim Ribeiro ainda não procedeu ao estudo do monumento, mas referiu-se-lhe (2016a, nota 58 (p. 175-176), interpretando *Ulia* como um gentilício, de modo que a epígrafe seria o ex-voto cumprido à *Iuno* de *Ulia*, entendendo-se *dea* como o seu génio protector. Na sequência desse raciocínio, preferiu desdobrar as siglas O M em O(*ptime*) M(*erito*), fórmula ainda não documentada. Já tive ocasião (2017, pp. 243-244) de propor uma interpretação alternativa: a divindade (*dea*) é *Ulia* e tem como adjetivos O(*ptimae*) M(*aximae*), porventura inspirados na comum adjectivação de Júpiter.

Cardim Ribeiro tem por segura a menção do antropónimo *Ulia* e «mais dificilmente» suporia «tratar-se de um desconhecido teónimo». Justifica a sua opção, aduzindo a inscrição achada na mesma região (Pianos, S. João das Lampas, Sintra), em que, em vez de *[I]ulia* (CIL II 5010), prefere ler *Ulia Avita, uxor* do cidadão romano *M. Atilius Tanginus*.

Essa opção de *Ulia* por *[I]ulia* também se verificou em relação a uma epígrafe de Vila Fria (Felgueiras) e, por isso, a refere María Lourdes Albertos (1985, p. 302), relacionando-a com antropónimos indígenas já documentados: *Ulea* e *Ullea*, por exemplo. Segue-a Vallejo, que, por isso, inclui *Ulia* entre os antropónimos indígenas da Lusitânia (2005, p. 491). A revisão dessa epígrafe, levada a efeito por Armando Redentor (2010, nº 282, p. 200 do II volume,) comprova, todavia, claramente (veja-se a sua estampa XX) que deve ler-se *[I]VLIA*. Quanto ao outro texto aduzido como prova, CIL II 433, de Escalão, Figueira de Castelo Rodrigo, revisto por Patrício Curado (1985,

pp. 643-645), em relação ao qual Vallejo escreve que, em vez de *Cornelia Gensulia*, «quizá sea más razonable interpretarlo como *gens Vlia*, familia a que pertenecería *Cornelia*» (2005, p. 491), concorda-se que *Gensulia* será, de facto, «un nombre único», mas a interpretação proposta – *gens Vlia* – resulta, no mínimo, estranha.

Neste âmbito da procura de paralelos para *Ulia*, não se descurou, inclusive, a referência à cidade de Bética, *Ulia* (cf. Tovar, 1974, p. 115-116); não parece, porém, que de algo possa adiantar no caso que nos prende, ou seja, descortinar se é o vocábulo *Ulia* um teónimo – porventura indígena – ou um antropónimo.

Os dados estão lançados; outros se aguardam, porque, em meu entender, o que importava era mesmo levantar as questões: será viável aceitar uma divindade indígena quase assimilada a Júpiter nos seus atributos de *Optimus Maximus*? E venerada por uma dedicante cujo *nomen* se reveste de características gregas mas de *cognomen* bem latino? E tudo num ambiente aonde os Romanos chegaram logo nos primórdios e numa região onde durante mui largo tempo perdurou o culto ao Sol e à Lua e a outras divindades?!...

5. Conclusão

Dou por terminada esta resenha. Incompleta estará; mas já consciencializei que, para se dar conta de que, num rol, há dados que faltam, importa... elaborar o rol! Mais fácil é, assim, completá-lo e, por outro lado, levantar a partir dele novas e mais inteligentes questões.

Não incluí, por conseguinte, reflexões dispersas por textos, minhas (Encarnação 2010, 2013, por exemplo) ou alheias (v. g., Prósper, 2002, Ribeiro, 2014, Santos, 2008, Schattner, 2013). Nalguns desses textos se teceram, a talhe de foice (como sói dizer-se),

mui oportunas considerações sobre teónimos indígenas, às quais poderá não se ter prestado a atenção devida. Aliás, uma das dificuldades que amiúde se encontra pelos caminhos da investigação histórica reside no facto de, lateralmente ao anunciado tema de um artigo, em notas ou como que entre parêntesis, se apresentarem dados de interesse que não são valorizados depois. Acontece, mais tarde, um autor vir chamar a atenção para essa nota ou esse parêntesis, que não foram tidos em conta – e tem razão! Veja-se, a documentá-lo, como as observações agora feitas em 4.11 se basearam numa... nota de pé de página, que, por sinal, não me passou despercebida – mas podia ter passado!

Que se considera possível apresentar como conclusão (sempre provisória, como é óbvio) acerca do que se escreveu?

Diis Arbariensibus, Diis Bonis Cinteri et Muno, Deis Calobedaicensibus, Laribus Callaciensibus, Cusi Erulancui, Lumbis, Bandi Bidoaeco, Bandi Brialeaeco, Broeneiae, Aharacui, Munitie... Nomenclaturas estranhas, sem dúvida, a desafiar a linguistas e historiadores, numa tentativa de se esclarecerem nomes de povos pré-romanos e sua localização, de se perscrutarem atributos divinos, de se caucionarem teses sobre linhagens étnicas susceptíveis de, também elas, caucionarem identidades!...

Muito mais perplexidades do que certezas. Muitas mais! Por isso se torna aliciante o nosso estudo!

Referências

Albertos Firmat, M. L. (1952). Nuevas divinidades de la antigua Hispania. *Zephyrus*. Universidad de Salamanca, 3, 49-63.

- Albertos Firmat, M. L. (1985). La onomástica personal indígena del Noroeste Peninsular (Astures y Galaicos). *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Lisboa. 1980)*. Salamanca, 255-310.
- Assunção, A.; Encarnação, J. d'; Guerra, A. (2009). Duas aras votivas romanas em Alcains. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: DGPC. 12/2,177-189. Obtido na <http://hdl.handle.net/10316/14377>.
- Búa, J. (2003). *Cosus*. Un exemplo de epigrafía e relixión. *Boletín Auriense*. Orense: Museo Arqueolóxico Provincial de Ourense. 33, 147-184.
- Carvalho, P. e Fernandes, L. (2009). *Vissaium – O Espírito do Lugar*. Viseu: Arqueohoje.
- Curado, F. (1985). Epigrafía das Beiras (notas e correcções). *Beira Alta*. 44, 641-655.
- Encarnação, J. d' (2010). Divindades indígenas sob o domínio romano em Portugal – 35 anos depois. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 10, 525-535. Obtido na <http://hdl.handle.net/10316/14476>
- Encarnação, J. d' (2013). Gentes e divindades na Lusitânia pré-romana ocidental. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 13, 209-217. Obtido na <http://hdl.handle.net/10316/24970>
- Encarnação, J. d' (2015). *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*. Coimbra: Instituto de Arqueologia. Obtido na http://www.uc.pt/fluc/iarq/pub_online/pdfs_online/1975_Divindades
- Encarnação, J. d' (2017). Recensão a Gérard González Germain (coord.), *Peregrinationes ad inscriptiones colligendas. Estudios sobre epigrafía de tradición manuscrita. Sylloge Epigraphica Barcinonensis*. Barcelona. XV, p. 241-247. Obtido na <http://hdl.handle.net/10316/79582>

- Encarnação, J. d' (2020). Linguística e Epigrafia em busca da nossa mais vetusta antiguidade! *Al-madan online*. Almada. vol. # 23 (tomo 1), 171-172. Obtido na <http://hdl.handle.net/10316/88736>
- Encarnação, J. d' *et alii* (2008). Inscrição votiva em língua lusitana (Arronches, Portalegre). *Conimbriga*. Coimbra. 47, 85-102. Obtido na <http://hdl.handle.net/10316/10754>.
- Encarnação, J. d' e Rodrigues, A. (2009). Altar votivo a *Banda Brialeacus*, do Castro dos Castelos Velhos (Guarda). *Praça Velha*. Guarda. 25, 227-238. Obtido na <http://hdl.handle.net/10316/10479>
- Encarnação, J. d' e Guerra, A. (2010). The current state of research on local deities in Portugal. In J. Alberto Arenas-Esteban (ed.), *Celtic Religion across Space and Time* (IX Workshop F.E.R.C.AN). Toledo: Junta de Comunidades de Castilla-La Mancha, p. 94-112. Obtido na <http://hdl.handle.net/10316/13814>.
- FE 95 (2012), nº 427 = Rio-Miranda Alcón, J. (2012). Nueva lectura del CIL II 843 (Oliva de Plasencia, Capera). *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 95, nº 427.
- FE 106 (2013), nº 470 = Rocha, M. *et alii* (2013), *Ara Laribus Ceceaicis* em Castelo de Paiva (*Conventus Scallabitanus*). *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 106, nº 470. Obtido na <http://hdl.handle.net/10316/22707>
- FE 114 (2014), nº 489 = Coixão (A.) e Encarnação (J. d') (2014). Inscrição votiva de Longroiva (*Conventus Scallabitanus*). *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 114, nº 489.
- FE 127 nº 539 = Ângelo, M. *et alii*. Epígrafe votiva do Olival Queimado (*Conventus Emeritensis*). *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 127, nº 539.

- FE 128 nº 541 = Guerra A. (2015). Uma consagração aos Deuses Bons proveniente de Lisboa/Olisipo (*Conventus Scallabitanus*). *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 128, 2015, nº 541.
- FE 135 nº 562 = Oliveira, J. e Encarnação, J. d' (2016). Uma ara votiva em Alpalhão (*Conventus Pacensis*). *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 135, nº 562.
- FE 181 nº 678 = Encarnação, J. d' e Marques, J. (2019). Árula votiva *Bandi Bidoeco* (*Conventus Scallabitanus*). *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 181, nº 678.
- FE 195 nº 718 = Gómez-Pantoja (J.) y Durán Sánchez, A. (2019). *Lares Callacienses*. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 195, nº 718.
- FE 198 nº 727 = Encarnação, J. d' e Osório, M. (2019). Ara votiva da igreja matriz da Moita, Sabugal. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 198, nº 727.
- Fernandes, L. S.; P. S. Carvalho; N. Figueira (2008). Uma nova ara votiva de Viseu (Beira Alta, Portugal). *Sylloge Epigraphica Barcinonensis*. Barcelona. VI, p. 185-189.
- Fernandes, L. S.; Carvalho, P. S.; Figueira, N. (2009). Divindades indígenas numa ara inédita de Viseu. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 9, p. 143-155.
- HEp = *Hispania Epigraphica*. Publicaciones Universidad Complutense de Madrid.
- HEpOL = versão *on line* de *Hispania Epigraphica*, revista editada pela Universidade Complutense de Madrid. Obtido na <http://eda-bea.es/>.
- Olivares Pedreño, J. C. (2007). Hipótesis sobre el culto al dios Cossue en El Bierzo (León): explotaciones mineras y migraciones. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 7, 143-160.
- Prósper, B. (1997). La divinidad paleo-hispana *Cossue/Coso* y el dios itálico *Consus*. *AIQN* 19, 267-302.

- Prósper, B. (2002). *Lenguas y Religiones Prerromanas del Occidente de la Península Ibérica*. Salamanca: Ediciones Universidad.
- Prósper, B. y Villar, F. (2009). Nueva inscripción lusitana procedente de Portalegre. *Emerita*. Salamanca. LXXVII/1,1-32.
- Redentor, A. (2017). *A Cultura Epigráfica no Conventus Bracaraugustanus (Pars Occidentalis) – Percursos pela Brácaro da Época Romana*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Ribeiro, J. (2010). Algumas considerações sobre a inscrição em “lusitano” descoberta em Arronches. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 10, 41-62.
- Ribeiro, J. (2014). ‘Damos-te esta ovelha, ó Trebopala!’ – A *invocatio* lusitana de Cabeço das Fráguas. *Conimbriga*. Coimbra, LIII, 99-144.
- Ribeiro, J. (2016). A inscrição lusitana de Arronches. In A. Carvalho, A. e Coito, L. *Lusitânia Romana – Origem de Dois Povos*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 34-40.
- Ribeiro, J. (2016a). *Ad Antiquitates Vestigandas*. Destinos e itinerários antiquaristas nos campos olisiponenses ocidentais desde inícios a meados do século XVI. In González Germain, G. (coord.), *Peregrinationes ad inscriptiones colligendas. Estudios sobre epigrafía de tradición manuscrita*. Bellaterra: Universidad Autónoma de Barcelona, 135-249.
- Santos, M. J.; Schattner, T.; Pereira, V. (2008). Cabeço das Fráguas (Quinta de S. Domingos, Guarda) 2006: o contributo da primeira campanha de escavações. *Praça Velha*. Guarda. 24, 175-202.

- Schattner, T.; Fabião, C.; Guerra, A. (2013). A investigação em torno do santuário de S. Miguel da Mota: o ponto de situação. *Cadernos do Endovélico*. Lisboa: Edições Colibri. 1, 65-98.
- Tovar, A. (1974). *Iberisch Landeskunde*, Baden-Baden: Verlag Valentin Koerner, 1 (Bética).
- Vallejo Ruiz, J. M. (2005). *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*. Vitoria-Gasteiz: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco.

